
**CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO DE ENSINO
OCTÁVIO BASTOS - UNIFEOB**

Abell Louise Alves, 23000862

Camila Peretti, 23000548

Leonardo Alves Neto, 23000768

Leonardo Caan de Moura Vanzella, 23000659

Rafael Carlos Occon, 23000560

Orientação: Tamires Camargo

**OS IMPACTOS DA NOMOFOBIA AOS JOVENS
ESTUDANTES BRASILEIROS**

São João da Boa Vista/SP

2023

RESUMO

O presente trabalho teve como intuito discutir os impactos da nomofobia frente à vida sócio-educacional dos jovens, tendo como objeto de estudo os celulares. Visto que a vida atual em sociedade demanda muitas vezes o uso do celular para resolução de problemas, a análise realizada traz as concepções de algumas linhas teóricas relacionadas à psicologia a fim de explicar quais são os problemas que o uso excessivo pode causar relacionando com pensamentos das abordagens em questão. A pesquisa também relata o desenvolvimento de um material em forma de Zine, que foi disponibilizado à uma comunidade acadêmica e expôs os conhecimentos adquiridos pela pesquisa de uma maneira mais sucinta e didática.

Palavras-chave: Social, educação, jovens, celular, nomofobia.

I. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A problemática principal deste estudo tem como base analisar os impactos na vida sócio-educacional dos jovens pelo uso excessivo do aparelho celular na realidade das escolas e em ambientes coletivos. À vista desse tema, parafraseando King, “A Nomofobia é vista por muitos como a doença do século XXI, a nomenclatura ‘Nomofobia’ foi criada após observarem sujeitos com sensações e sentimentos de angústia e desconforto relacionados a convivência inadequada e excessiva das tecnologias (celular, computador e/ou internet)[...]” (KING ET AL., 2014), dessa forma, nota-se que o transtorno comportamental advindo pelo fenômeno compulsivo dos aparelhos celulares, desencadeia uma série de atrasos cerebrais, tais como: falta de concentração, inatividade no controle dos impulsos, ausência das tomadas de decisões e controle das funções executivas (TEIXEIRA, 2021), no desenvolvimento dos jovens e adolescentes.

Partindo dessa perspectiva, eventos recorrentes da atualidade, como a reformulação consequente das normas educacionais no ambiente escolar (NAGUMO ET AL, 2016), propiciaram a imanência dos sintomas vinculados à nomofobia na condição psicológica dos estudantes na rede de ensino que ampliaram os aspectos responsáveis pelo surgimento de tal vício comportamental.

No mais, parte da natureza dessa conjuntura atual resulta da constante elaboração teórica que os panoramas da psicologia buscam analisar em companhia das bases teóricas, como o amplo aspecto epistemológico do impasse, fundamentações filosóficas e existenciais, assim como a experimentação clínica da psicanálise freudiana. Sendo assim, a avaliação da situação atual de tal condição social e educacional cada vez mais presente aos jovens brasileiros aparenta a extrema necessidade de reajustar a criticidade diante do problema do uso em demasia que os celulares acarretam tanto ao contexto da vida pessoal do indivíduo quanto a vida acadêmica, dessa arte, configurando-se como um problema de saúde pública. Por ser configurado um problema de saúde que gera grande impacto na população, o desenvolvimento de estratégias públicas para a prevenção da nomofobia, faz-se extremamente necessário, visando diminuir as consequências negativas acarretadas pela nomofobia. Nessa dinâmica, o presente trabalho coletivo tem como objetivo apresentar elementos associativos que proporcionem, ao senso crítico, construir uma perspectiva consciente acerca da excessividade bem como os danos psicológicos que as mudanças tecnológicas são capazes de impactar na vida pública e particular dos estudantes.

II. OBJETIVOS

Abordar os temas relacionados aos impactos do uso excessivo do aparelho celular aos jovens estudantes na vida socioeducacional.

- Utilizar a revisão Bibliográfica acerca do tema Nomofobia e o impacto no desenvolvimento dos jovens estudantes.
- Avaliar os resultados referentes às Pesquisas de Observação e de Opinião sobre o tema.
- Desenvolver um Zine e aplicá-lo em ambiente acadêmico.
- Apresentar aos estudantes o desfecho do trabalho.

III. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica sobre os termos da nomofobia e conceitos relacionados, como a educação, ensino e jovens em ambiente escolar, para tanto, utilizou-se as bases de dados do Google Acadêmico e SciELO Brasil, com artigos referentes aos últimos vinte anos. As palavras-chaves escolhidas foram:

social, educação, jovens, celular, excesso, nomofobia, consequências, adolescentes, impacto. Pretende-se também realizar a popularização do conhecimento técnico-científico, ou seja, através de uma história em quadrinhos ilustrar os principais construtos sobre o tema e apresentá-los à comunidade educacional.

Foi realizada também uma pesquisa de opinião pública através de um formulário eletrônico favorecendo o anonimato dos participantes a respeito da utilização do celular e os dados foram discutidos de acordo com o referencial teórico desta pesquisa.

IV. REFERENCIAL TEÓRICO

Com os avanços tecnológicos, os meios de comunicação ampliaram a gama de possibilidades de interações entre os usuários, em especial, dos dispositivos móveis. Consequentemente, criou-se um novo ambiente reconhecido como “virtual” por reassegurar, em virtude da internet, tais interações em aplicativos de mídia social como Twitter, capazes de incorporar o ênfase das interações baseados no fluxo de ideias e não em vínculos preexistentes socialmente (NAGUMO ET AL, 2016).

Dessa forma, o fenômeno observável de estresse e ansiedade emergiram em decorrência dessa influência virtual e social afetando, mormente, o público jovem por distender-se da maior dependência desse meio. Por conseguinte, efeitos psicopatológicos adjacentes à nomofobia como distúrbio têm levado essa faixa etária a outras ocorrências negativas no ambiente virtual, como o *cyberbullying*, isto é, a intimidação psicológica em ambiente virtual (SOUZA ET AL, 2020).

Ademais, investiga-se a relevância desse fenômeno tecno-virtual com o respaldo da análise criteriosa das intervenções psicológicas clínicas, como a psicanálise freudiana, além de conceber a respectiva problemática com a visão de bases epistemológicas, filosóficas e existenciais. Tais observações contemplam a ampla perspectiva histórica e social que a nomofobia tem no ambiente estudantil dos jovens brasileiros.

Visão clínica psicanalítica

Na contemporaneidade, vemos muitos avanços nos mecanismos que facilitam a vida cotidiana, perceptivelmente a internet é um desses principais avanços. Sendo um facilitador da comunicação interpessoal nos leva a um caminho de informações com grande diversidade (ROMANO, 2017). Assim, Kallas (2016, p. 55), explica que:

Vivemos num mundo das transformações socioculturais, políticas, econômicas, morais e científicas ocorridas na sociedade e estamos presenciando uma mutação histórica nos modos de ser e estar no mundo. Transformações que vêm se engendrando há algumas décadas e que [...], culminaram no desenvolvimento das novas tecnologias que refletem o modo de ser do indivíduo e ao mesmo tempo, provocam mais mudanças. A subjetividade do homem contemporâneo é influenciada por essa nova realidade.

O ciberespaço é um meio onde não existem barreiras ou janelas, as pessoas têm liberdade para compartilharem seus pensamentos e ideias de maneira livre, ele permite o anonimato dos usuários, que, graças a esse modo de navegação, se sentem seguros para todo tipo de atitude online. O fenômeno da rede se tornou o divisor de águas da nova geração, esta, que vive a vida através de uma tela e que encontra tudo o que necessita nela.

Existe também um estado de imersão da consciência onde se perde a noção de tempo e espaço, nele se pode viver sob a perspectiva de outra pessoa diferente do seu eu e se distanciar da realidade do agora (KALLAS, 2016).

Neste sentido, o espaço virtual acaba se tornado uma espécie de refúgio, principalmente para adolescentes, onde pessoas tímidas podem ser outra versão de si mesmos, um ambiente de aceitação e comunicação que pode eliminar a distância com pessoas do mundo todo.

Percebe-se, então, que a contemporaneidade conta com uma subjetividade dos sujeitos totalmente nova e que sofre transformações constantes com o passar das inovações tecnológicas, refletindo igualmente seus impactos nas esferas socioculturais, políticas, culturais, econômicas, morais e científicas.

Usando a abordagem psicanalítica para responder o fenômeno da nomofobia percebemos que o inconsciente, segundo Freud, é ser estruturado a partir das leis do processo primário, onde passado, presente e futuro encontram-se entrelaçados pelo fio do desejo. Freud (1921-1996) afirma que experiências subjetivas implicam

na visão do outro e na linguagem. Consequentemente, a compulsão é uma atitude do indivíduo que se caracteriza pela repetição (FREUD apud KALLAS, 2016).

Sendo assim, a abordagem psicanalítica tem como meta investigar o motivo da insatisfação e da angústia do sujeito com o mundo dos objetos, utilizando da palavra para se desfazer da dor e angústia. Com a ajuda psicanalítica, então, o indivíduo, através do estudo dos seus processos inconscientes, buscará escapar da poderosa manipulação da compulsão.

Visão epistemológica, filosófica e existencialista

Sob uma análise teórica, as novas tecnologias digitais trouxeram inúmeros benefícios à sociedade, facilitando a comunicação, diminuindo distâncias entre as pessoas, facilitando estudos e ampliando o mercado de trabalho, porém, quando usada de forma inadequada, contínua e incansável, pode ser causadora de prejuízos físicos e psíquicos, apresentando mudanças significativas nos hábitos, costumes, comportamentos, emoções e relações pessoais e sociais dos sujeitos, até mesmo se tornando algo patológico. Segundo Coronel e Silva (2010) a tecnologia não é boa nem má, pois é uma criação humana, destinada a servir, de alguma forma, os interesses do homem. Complementam ainda que na tecnologia, aquilo que pode ser considerado como bom ou mal, irá variar muito do uso que se faz delas. Cada tecnologia obedece ao seu tempo de conhecimento e desenvolvimento por ser uma criação do homem. “A tecnologia é a ciência da técnica, que surge como exigência social numa etapa ulterior da história evolutiva da espécie humana.” (CORONEL; SILVA, 2010).

A relação do homem com a tecnologia pode ser encarada de duas maneiras: a primeira refere-se ao uso consciente e dominado, que caracteriza o homem que utiliza da sua criação sem ser controlado por ela, sabendo extrair os benefícios da praticidade tecnológica. Na segunda, temos o uso descontrolado que reflete o indivíduo dominado, “escravo” e adoecido pela sua própria criação. O homem moderno tende a maravilhar-se, principalmente, com objetos tecnológicos, isso porque existe uma “ideologia” que o faz crer que vive num mundo maravilhoso, magnânimo e de progresso, cuja dominação é tecnológica. (PINTO, 2008).

Existem pessoas que mesmo não exagerando no uso dos meios tecnológicos, podem experimentar desequilíbrios na vida. Mesmo que a dependência de internet

não seja diretamente uma dependência que possa causar lesão estrutural, deve-se levar em consideração que, grande parte dos efeitos prejudiciais são causados pelos desequilíbrios criados devido a quantidade excessiva de tempo gasto com a tecnologia.

Conseqüentemente, o sujeito contemporâneo é desapegado de promessas ideológicas, compromissos sociais e políticos e com um consumismo desenfreado. O ser humano busca sempre mais, a consumir ilimitadamente, caindo no sistema de consumo sem pensar, transformando a adição de coisas em vício, tudo é poder e prazer. A busca da felicidade incessantemente e a preços altos, muitas vezes é seu objetivo último. O consumo passou a ser sua máxima. Para ser feliz, a necessidade é consumir tudo e todos ao mesmo tempo e ainda assim sentir-se insatisfeito (COLOMBO, 2012). Bauman (2011) define todo esse momento em que se vive hoje como “tempos líquidos” ou “modernidade líquida”. Segundo o autor, “como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança (p.3)”, como por exemplo, as modas que seguem, os objetos que se utilizam e que despertam a atenção, até mesmo a atenção muda, assim como os sonhos e medos, desejos e ódios:

Nosso mundo líquido moderno, sempre nos surpreende; o que hoje parece correto e apropriado amanhã pode muito bem se tornar fútil, fantasioso ou lamentavelmente equivocado. Suspeitamos que isso possa acontecer e pensamos que, tal como o mundo que é nosso lar, nós, seus moradores, planejadores, atores, usuários e vítimas, devemos estar sempre prontos a mudar: todos precisam ser, como diz a palavra da moda, “flexíveis” (BAUMAN, 2011, p.8).

A tecnologia contribuiu para a aceleração da liquidez e flexibilidade do mundo. Atualmente a sociedade vive no tempo das incertezas, do imediato e das mudanças. Os sujeitos estão em constante transição e instabilidade, em busca por informações e liberdade. Segundo Bauman (2011), “Felizmente, dispomos hoje de algo que nossos pais nunca puderam imaginar: a internet e a web mundial, as “autoestradas de informação” que nos conectam de imediato, “em tempo real”, a todo e qualquer canto remoto do planeta” (p.3). Desta forma, o ambiente tecnológico proporciona espaço de fluidez, imediatismo e acesso a informação ao sujeito (MEDEIROS, 2008; RIBEIRO, 2016).

O jovem experimenta uma sensação de conforto e prazer quando está conectado. Por outro lado, o mundo on-line, cria infinitas possibilidades de contatos plausíveis e factíveis, o que gera ao sujeito uma sensação de angústia, de estar sozinho quando se está fora da rede (BAUMAN, 2011; RIBEIRO, 2016). Por isso, as capacidades interativas da internet estão de acordo com a necessidade do momento. Nas interatividades o que importa é a quantidade de conexões, e não sua qualidade das relações, ou seja, a quantidade a sobrepõe a qualidade dos relacionamentos sociais e quanto mais amigos se tem, mais qualificações terão, sendo mais visível e popular. O que possibilita manter o sujeito preso ao que “todo mundo está falando” e das escolhas indispensáveis do momento, como, as músicas mais ouvidas, as roupas da moda, as festas mais badaladas, os festivais e eventos mais comentados:

Atualmente as redes sociais podem ser definidas como uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, reunidas por um ou vários tipos de relações, que partilham valores e objetivos em comum. Uma das características fundamentais na definição das é ser uma ligação social entre as pessoas que se juntam através da identificação e da necessidade de participação social. As redes sociais possibilitam relacionamentos sequenciais, permanentes ou esporádicos e não hierárquicos entre os participantes. As redes, portanto, podem ser uma estrutura mutante, aberta e com habilidade de se fazer e desfazer rapidamente. Nas redes de comunicação são necessários confiança, ética e lealdade para que as relações sejam mantidas e preservadas (KING; NARDI; CARDOSO, 2014).

Ressalta-se, portanto, que o problema não é a tecnologia em si, mas a forma como que se utiliza. Visto que, a configuração do mundo contemporâneo vem exigindo um ser humano cada vez mais eficiente, presente e veloz, para atender a todas as expectativas geradas. Sendo assim, a dependência dos novos dispositivos digitais (VIDAL, 2014).

Estar consciente, segundo o Dicionário Online de Português (2009) “é aquele que tem a consciência de que possui a noção ou o conhecimento sobre uma coisa: é estar consciente de suas responsabilidades”. De acordo com a etimologia da palavra, podemos entender que o uso consciente da tecnologia no contexto denota uma alta periculosidade na responsabilidade do usuário ao acesso a esse mundo virtual que requer um limite ou equilíbrio estabelecendo uma linha tênue nas

fronteiras entre o real e o virtual.

Logo, o acesso à internet pela geração Z mostra-se muito útil desde que o uso seja feito de forma consciente, a responsabilidade por adquirir essa consciência precisa partir de todos nós (NUNES, 2018). O que vai equilibrar o uso da internet em nossas vidas é o grau de consciência ao acessar um site ou uma rede social, estamos expostos a várias contingências. Nunes, (2018) ainda discorre que de acordo com as circunstâncias apresentadas, se faz necessário refletir até que ponto a tecnologia traz consequências para a vida do indivíduo. Não é o que a tecnologia faz para nós, é o que fazemos para a tecnologia. Usado habilmente, pode melhorar e melhorar nossas vidas além da nossa imaginação mais louca. O uso exagerado e prolongado da tecnologia, pode nos deixar solitários, isolados, agitados e oprimidos. Sejam inteligentes com a tecnologia, escolhendo com sabedoria e usando de uma maneira que o beneficie quanto aqueles que o rodeiam (CORONEL; SILVA, 2010).

A dependência normal é aquela que permite “tirar proveito de toda a tecnologia para crescimento pessoal, trabalho, relacionamentos sociais, entre outros. Mesmo que o uso seja diário (p.18)”. Portanto, é normal utilizar-se das tecnologias para fins de comunicação, como ferramentas de trabalho e estudo, e como meios de acesso às redes virtuais, concluindo-se, ademais, que o tempo de uso também não configura dependência, desde que não afete negativamente a vida individual. A dependência patológica “acompanha uma inadequação pessoal, social e comportamental, e precisa apresentar sintomas no seu histórico (p.18)”, ou seja, esse tipo de dependência causa alterações comportamentais e/ou emocionais, prejuízos sociais, familiar e pessoal ao sujeito, e está relacionada a um transtorno pré-existente de ansiedade (KING; NARDI; CARDOSO, 2014). Dessa forma:

Para que um indivíduo seja considerado um dependente patológico é preciso que esta dependência esteja relacionada a um diagnóstico primário, como um transtorno de ansiedade (transtorno de pânico, transtorno fobia social, transtorno de estresse Pós-Traumático, transtorno obsessivo-compulsivo, entre outros) que esteja levando o sujeito a usar abusivamente as tecnologias para ajudá-lo a enfrentar dificuldades provenientes ao quadro relativo ao seu transtorno (KING; NARDI; CARDOSO, 2014).

Logo, os sujeitos que tendem a desenvolver Nomofobia apresentam um transtorno primário, que tem predisposições características aos transtornos de ansiedade, além de apresentarem perfil ansioso, de baixa autoestima, dependente e inseguro. Alguns sintomas observados nesses sujeitos são ansiedade, nervosismo, angústia, taquicardia, suor excessivo, tremores e alteração na respiração. Esses sintomas quando comprometem a vida social, pessoal ou familiar, se configuram como dependência patológica. Qualquer sujeito pode desenvolver esse tipo de fobia, porém, pesquisas apontam que é mais comum em jovens adultos com baixa autoestima e problemas nas relações sociais, que sentem a necessidade de estar constantemente conectados e em contato com os outros através do telefone celular (KING *et al* 2014, COSTI; DESIMONI, 2016).

Ainda são escassos estudos que possam auxiliar na compreensão de características comumente encontradas nos indivíduos que sofrem com este novo quadro, denominado "nomofobia". Apesar disso, elementos como baixa autoestima, baixo senso de autoeficácia, comportamentos sociais inapropriados, isolamento social, ansiedade social, medo de se relacionar, timidez, pouca confiança em si, baixa proatividade, baixa sensibilidade no contato com as pessoas, baixa capacidade de enfrentamento, além de relacionamentos sociais e afetivos empobrecidos parecem estar instalados ao mesmo, servindo com um alerta para possíveis prejuízos de qualidade de vida e até mesmo, para melhor compreensão sobre como uso rotineiro desses dispositivos afetam a saúde mental dos indivíduos em relação a suas diferentes formas e intensidades de utilização, tanto positiva quanto negativamente. (KING; NARDI; CARDOSO, 2014).

Ainda segundo King *et al* (2014), o fato de não gostar de esquecer o telefone celular ou não gostar de estar desconectado da internet, é comum e não chega a ser considerado dependência. Conclui-se, portanto, que a dependência digital está relacionada ao nível de perda de controle na vida real, trazendo prejuízos nos campos profissional, familiar, afetivo ou social.

Na perspectiva teórica da problemática e suas bases filosóficas, Andréa Teixeira (2021) afirma: "Em vez de lidar com os obstáculos da vida, traumas passados e/ou administrar o excesso do cotidiano, o dependente responde de forma desadaptativa, recorrendo a um mecanismo de pseudo manejo", fato esse que, correlaciona-se à utilidade geral da Alegoria da Caverna de Platão, ao se

assemelhar drasticamente com os costumes recentes relacionados ao manejo dos aparelhos, pois os jovens tendem a "se isolar em suas próprias cavernas dentro do mundo virtual" evitando a realidade atual:

[...]Postman observa que temos passado de épocas de escassez de informação sobre a maioria dos assuntos a uma época de excesso de informação a propósito de qualquer coisa. Como isso vai acompanhado do enfraquecimento dos esquemas mentais tradicionais de interpretação do mundo, o resultado é que os homens se encontram perdidos, sem saber como escolher nem como valorar a informação. O aumento da informação converte-se assim em aumento da ignorância. (WINNER,1977, *apud* TEIXEIRA, 2023).

Paralelo a isso, os homens acorrentados na alegoria supracitada, após ouvirem o relato de seu companheiro que havia se retirado do local e descoberto um novo mundo afora, relacionam-se à imagem dos jovens e adolescentes no contexto pós pandêmico que foram expostos a uma gama de informações dúbias que geram estresse e ansiedade em demasia. Dessa forma, a interação online com outras pessoas ou feeds de publicação semelhantes com seus valores pessoais, gera uma comodidade que não era possível de se encontrar nesse *zeitgeist*.

Por fim, conforme a ótica teórica de base existencialista, a dependência de tecnologia pode estar relacionada à falta de sentido nas ações que compõem a vida humana, pois, dado esse raciocínio, cada ser humano busca por uma singularidade com o fito de responder questionamentos recorrentes acerca de sua própria existência. Nesse caso, a busca constante de um sentido na perspectiva filosófica de base existencialista é correlacionada ao impulso contra as angústias individuais ocasionadas, em outro instante, por uma perturbação a tal caminho e falta de contato com elementos reais, levando o indivíduo a estados de tédio, conformismo, submissão e obsessão (DENSTONE, 2014). Acerca disso, Frankl (2005) afirma:

Consideremos a sociedade atual: ela gratifica e satisfaz virtualmente qualquer necessidade, com exceção de uma só, a necessidade de um sentido da vida. Podemos dizer que certas necessidades são criadas artificialmente pela sociedade de hoje, a necessidade de um sentido parece insatisfeita.

Notamos, por conseguinte, que a sociedade concebe uma gama de resoluções de problemas que trazem a satisfação dos desejos e necessidades a quem vive nela, porém não supre o ensejo pelo sentido individual que considera-se um estado fundamental de desenvolvimento. A ausência dessa busca pode acarretar no surgimento de psicopatologias associadas aos sentimentos de inércia, apatia e irritabilidade, uma vez que a persistência nesse estado conduz à frustração existencial, denominada por Frankl como "neurose noogênica".

V. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao abordar os temas relacionados ao uso indevido do celular, constata-se resultados que foram coerentes com os aspectos pesquisados, tanto nas pesquisas de opinião quanto nos artigos reunidos. Esses temas em questão foram apresentados para estudantes, adolescentes e jovens adultos, que foram responsáveis pela conclusão dos aspectos reunidos na pesquisa, os hábitos nomofóbicos se fazem presentes na vida cotidiana de uma maneira que se passa despercebida, isso torna o problema um grande risco a saúde e a vida socioeducacional dos indivíduos.

Os estudantes tiveram um espaço apenas para opinar e dissertar sobre a apresentação e o tema proposto. Eles apontaram a importância do tema e como ele se faz relevante, tendo em vista de que a maioria nem sequer sabia a etimologia da palavra. Foi desenvolvido o zine, que foi o produto de toda a pesquisa e que contribuiu de forma significativa para a entrega das informações para o público.

VI. ZINE

Considerando a proposta do presente referencial, o material impresso desenvolvido como articulação didática dos principais conceitos, apresentados na revisão bibliográfica e na pesquisa de opinião, que abordam a temática da nomofobia em ambiente educacional teve como principal objetivo manifestar as principais definições conceituais acerca da temática abordada, uma apuração sistemática dos dados pertinentes da pesquisa e o direcionamento do público-alvo quanto às medidas necessárias em torno das tendências comportamentais nomofóbicas.

Portanto, o zine foi utilizado como uma maneira expansiva de apontar todos os dados supracitados, utilizando-se de cores e formas que reafirmam o público alvo, de maneira com que fosse possível disponibilizar todo o conhecimento adquirido.

VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, de acordo com as apurações gerais retratados tanto na referência bibliográfica quanto na pesquisa de opinião, e, portanto, na utilidade dos materiais impressos à sala de aula com o intuito de esclarecer os principais preceitos aferidos da problemática, qual seja, o uso excessivo do celular por parte dos adolescentes, jovens e adultos. Levou-se à constatação das medidas necessárias quanto à formação de uma postura crítica e criteriosa sobre o uso tecnológico em âmbito social e acadêmico dos jovens.

Nesse sentido, após a aplicação da revista com teor didático, os resultados apontados através do formulário de devolutiva online, prezando o anonimato dos entrevistados, demonstraram uma perspectiva positiva quanto ao entendimento dos assuntos e tópicos abordados sob a construção ulterior da criteriosidade ao principal tema abordado bem como ao objetivo principal do presente trabalho teórico.

VIII. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **44 Cartas do mundo líquido moderno**. Tradução: Vera Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011

COLOMBO, M. **Modernidade: a construção do sujeito contemporâneo e a sociedade de consumo**. São Paulo: Rev. bras. Psicodrama, vol.20, no.1, 2012. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-5393201200010004 Acesso em: 02/05/2023.

CORONEL, D. A.; SILVA, J. M. A. da. **Conceito de tecnologia por Álvaro Viera Pinto**. Revista Economia & Tecnologia – Ano 06, Vol. 20 – Janeiro/Março de 2010, p. 182. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/287438802_O_conceito_de_tecnologia_por_Alvaro_Viera_Pinto. Acesso em: 03/05/2023.

COSTI, S.; DESIMON, I. **Smartphone che passione.....o che malattia?! La nomofobia**. 2016. Disponível em: <http://www.stateofmind.it/2016/01/nomofobia-dipendenza-smartphone/>. Acesso em: 03/05/2023.

CUPANI, A. **Filosofia da tecnologia: um convite**, Santa Catarina, 3º ed., Editora UFSC, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/187613>. Acesso em: 23/04/2023.

DA SILVA, C. M. **AS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E A EMERGÊNCIA DA SOCIEDADE INFORMACIONAL**, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <https://www.angelfire.com/sk/holgonsi/claudia.html>. Acesso em: 23/04/2023.

DENSTONE, A. J. **CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA LOGOTERAPIA**, AngelFire. Disponível em: <https://www.angelfire.com/nf/fenomenologia/textos/frankltext2.html>. Acesso em: 23/04/2023.

DE SOUZA, K. D.; DA CUNHA, M. X. C.; SANTIAGO, E. D. **Girassol: A Mobile App to Measure Levels of Nomophobia in Adolescents and Young People**, Rev. de Sistemas e Computação, Salvador, v. 10, n. 1, p. 152-161, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rsc/article/view/6642/4046#>. Acesso em: 23/04/2023.

FRANKL, V. E. **Um sentido para a vida: Psicologia e Humanismo**, São Paulo, 14º ed., Editora Ideias e Letras, p.18, 2005.

KALLAS, M. B. L. M. **O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise**. Reverso, Belo Horizonte , v. 38, n. 71, p. 55-63, jun. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23/04/2023.

KING, A. L. S.; NARDI, A. E.; CARDOSO, A. (Orgs.). **NOMOFOBIA: Dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do telefone celular? O impacto das novas tecnologias no cotidiano dos indivíduos**, São Paulo, SP: Atheneu, p. 106-327, 2014. Disponível em: http://docs.wixstatic.com/ugd/f20276_5a18e81e5ded4142beb9780ec3ecb287.pdf. Acesso em: 02/04/2023.

MEDEIROS, R. de A. **A relação de fascínio de um grupo de adolescentes pelo orkut: um retrato da modernidade líquida**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós - Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008.

NAGUMO, S.; TELES, L. F. **O uso do celular por estudantes na escola: motivos e desdobramentos**, Rev. bras. Estud. pedagóg. (online), Brasília, v. 97, n. 246, p. 356-371, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/wBpRPnRRcmCBtZrh99VZbTC/abstract/?lang=pt#:~:text=A%20partir%20da%20an%C3%A1lise%20dos,ou%20do%20t%C3%A9dio%20nas%20aulas>. Acesso em: 02/04/2023.

NUNES, R. O. (Org.). **O uso consciente da internet**. Projeto Redação criado em 23/08/17. Disponível em: <https://projetedacao.com.br/temas-de-redacao/geracao-z-o-descredito-para-o-futuro-ou-o-avanco-sem-limites/o-uso-consciente-da-internet/4082>. Acesso em: 03/05/2023.

PINTO, A. V. **O Conceito de Tecnologia**. São Paulo: Contraponto, 2008. v. 1. Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/dependencia/>. Acesso em: 03/05/2023.

RIBEIRO, P. T. M. **Nomofobia: o transtorno da web no século XXI**. 2016. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/comunicacao-marketing/nomofobia-transtorno-web-no-seculo-xxi.htm>. Acesso em: 02/05/2023.

ROMANO, R. **Dependência digital: um estudo na visão psicanalítica**, FAAT-Curso de psicologia, Atibaia, p.(4-33), 2017. Disponível em: <http://186.251.225.226:8080/handle/123456789/58>. Acesso em: 23/04/2023.

SILVEIRA, R. M. C. F.; BAZZO, W. A. **Ciência e tecnologia: Transformando a relação do ser humano com o mundo**, In: IX Simpósio Internacional Processo Civilizador: Tecnologia e Civilização. Paraná, 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/workshop/art19.pdf>. Acesso em: 23/04/2023.

SOUZA, K. N. M.; DA CUNHA, M. R. S. **NOMOFOBIA: O VAZIO EXISTENCIAL**, Psicologia.pt, jan. 2018. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A1166. Acesso em: 23/04/2023.

TEIXEIRA, I. T.; DA SILVA, P. C.; DE SOUSA, S. L.; DA SILVA, V. C. **NOMOFOBIA: os impactos psíquicos do uso abusivo das tecnologias digitais em jovens universitários**, Rev. Observatório, Palmas, Vol. 5 , n. 5. p. 209-240, ago. 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/8220/16264>. Acesso em: 23/04/2023.

TEIXEIRA, A. **As consequências psicológicas e físicas da dependência de internet em adolescentes**. CENTRO UNIVERSITÁRIO Uni Mauá, CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA, Taguatinga, Distrito Federal, p. 9-194 , 2021. Disponível em: https://www.unimauadf.edu.br/repositorio-institucional/tcc/2022/psicologia/ANDREA%20-%20DEPEND_NCIA%20DE%20INTERNET.pdf. Acesso em: 02/04/2023.

VIDAL, P. V. C. **Dependência Mobile: a relação da nova geração com os gadgets móveis digitais**, Universidade de Brasília - UnB Faculdade de Comunicação, Comunicação Social – Publicidade e Propaganda Projeto Final Edmundo Brandão Dantas, Brasília – DF, 2014. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9386/1/2014_PriscilaValimCarneiroVidal.pdf. Acesso em: 23/04/2023.